



Observatório das Desigualdades e-Working Paper N.º. 2/2015

doi: 10.15847/CIESODWP022015

**Reconfigurações e reposicionamentos do conceito da mobilidade social nas
ciências sociais**

Magda Nico

Observatório das Desigualdades e-Working Papers (ISSN 2183-4199)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL

<http://observatorio-das-desigualdades.com/>

Magda Nico, socióloga, investigadora pós-doutoral do CIES-IUL.

Título: Reconfigurações e reposicionamentos do conceito da mobilidade social nas ciências sociais

Resumo: Neste artigo analisa-se, através de uma análise bibliométrica, a evolução conceptual, disciplinar e metodológica da mobilidade social na literatura das ciências sociais. Para levar a cabo esta análise, foi desenvolvido um esforço de recenseamento das publicações diretamente sobre mobilidade social e construída uma base de dados onde estas foram codificadas por variáveis como o tipo de publicação, nacionalidade institucional do autor, conceito utilizado, unidade de análise, âmbito geográfico do estudo, metodologia, entre outras. Através do desenvolvimento de análises uni e bivariadas foi possível identificar e caracterizar as principais fases na evolução e nas oscilações deste conceito na literatura das ciências sociais; a emergência concentrada de um conceito disperso (c. 1920-1959); a idade de ouro (do conceito sociológico) da mobilidade social (c. 1960-1989); e a fragmentação, resistência e reconfiguração do conceito (c. 1990-2012), caracterizados por diferentes hegemonias metodológicas e geográficas, por variáveis fluxos e volumes de publicação, e por distintas correntes e rivalidades teóricas. Tendências recentes revelam complexas proximidades do conceito à disciplina da economia e ao conceito das desigualdades sociais.

Palavras-chave: mobilidade social, ciências sociais, desigualdades sociais, sociologia, análise bibliométrica

Title: Reconfigurations and positioning of the concept of social mobility in the social sciences literature

Abstract: Through a bibliometric analysis, this article analyses the conceptual, disciplinary and methodological evolution of social mobility in the social sciences literature. To carry out this analysis, an effort towards a census of the publication directly about social mobility was made. A database was consrted including these documents, that were coded according to the following variables: type of publication, institutional nationality of the authorship, concept used, unit of analysis, geographical scope, methodology, among others. Univariate and bivariate analysis provided the means to the identification of three stages in the evolution of this concept in the social sciences: the emergence of a scattered concept (c. 1920-1959), the golden age of social mobility (c. 1960-1989), and the fragmentation, resistance and reconfiguration of the concept (c.1990-2012) characterized by different methodological and geographical hegemonies, by variable fluxes and volumes of publications, and by distinct theoretical traditions and rivalries. Most recent trends show intricate proximities of this concept to the discipline of economics and to the concept of inequalities.

Keywords: social mobility, social sciences, inequalities, sociology, bibliometric analysis

Como citar este artigo

Nico, M. (2015), "Reconfigurações e reposicionamentos do conceito da mobilidade social nas ciências sociais", *Observatório das Desigualdades e-Working Papers*, N.º 2/2015: 1-16; ISCTE-IUL, CIES-IUL, ISSN 2183-4199, doi: 10.15847/CIESODWP012015.

Disponível em <http://wp.me/P4h6tu-p3>.

Introdução

A mobilidade social é um conceito intrinsecamente sociológico. É igualmente uma das mais desenvolvidas áreas da sociologia (Miller, 1998:145) e apresenta uma “impressionante conjunção de rigor teórico, metodológico e empírico” (Room, 2011). Por este motivo a mobilidade social é um conceito através do qual a história da sociologia pode parcial e indiretamente ser contada. É um conceito *por natureza* e *por excelência* sociológico, cuja compreensão da evolução contribui para o conhecimento sociológico e para o conhecimento (do papel) *da* sociologia.

Embora a presente análise dê, indiretamente, contributos para a história da sociologia, esse não é o seu objectivo central. O principal objectivo desta análise¹ é o de conhecer o posicionamento das ciências sociais e da sociologia na abordagem, desígnios e métodos no estudo da mobilidade social, bem como as proximidades e reconfigurações entre as ciências sociais a este propósito. Para cumprir este objectivo, procedeu-se a um mapeamento das macro tendências de publicação especificamente sobre o tema, não tendo em conta a receção, importância ou impacto das obras em si, incluindo portanto todas as que tratem especificamente do tema da mobilidade social. Assim, foi realizado um esforço de recenseamento das publicações diretamente sobre mobilidade social em fontes e formatos vários. Estes documentos, cada um representado numa unidade de análise, foram organizados e codificados (por tipo de publicação, nacionalidade institucional do autor, conceito utilizado, unidade de análise, âmbito geográfico do estudo, metodologia, etc.) com recurso ao software estatístico SPSSStatistics21[®], através do qual foram realizadas análise uni e bivariadas de forma a identificar e caracterizar as principais fases na evolução e nas oscilações deste conceito na literatura das ciências sociais.

A estrutura deste artigo segue precisamente a ordem das fases identificadas: emergência concentrada de um conceito disperso (c. 1920-1959); a idade de ouro (do conceito sociológico) da mobilidade social (c. 1960-1989); e o da fragmentação, resistência e reconfiguração do conceito (c. 1990-2012), caracterizados por diferentes hegemonias metodológicas e geográficas, por variáveis fluxos e volumes de publicação, e por distintas correntes e rivalidades teóricas.

¹ Esta análise desenvolveu-se no âmbito de um projeto de investigação de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, intitulado “Retratos de Família do Portugal Contemporâneo: gerações, cursos de vida e mobilidade social”. Para além da análise bibliométrica e bibliográfica – em torno do conceito da mobilidade social, o desenvolvimento do projeto conta também com uma análise dos dados do EU-SILC e com a recolha e análise de histórias de família.

Dados e métodos

A tentativa de recenseamento dos documentos sobre mobilidade social passou, para ultrapassar estes constrangimento, por várias etapas:

A escolha das línguas de trabalho. O objectivo foi o da recolha do maior número possível de publicações sobre este tema. Para tal, a busca fez-se essencialmente por documentos escritos em língua inglesa, embora também se tenha realizado pesquisa em língua portuguesa, francesa, espanhola, italiana e alemã (com maior sucesso para as duas primeiras, realizadas de forma mais informada e sistemática). Contudo, é de referir que mesmo a busca melhor sucedida de documentos em língua portuguesa e em língua francesa, teve que seguir trâmites ligeiramente diferentes da busca de documentos em língua inglesa, sendo mais focalizada em revistas de sociologia e/ou orientada para autorias específicas de protagonistas do tema. Pelo contrário, a busca nas línguas originais espanhola, italiana e alemã fez-se de forma menos focalizada, em motores de busca mais generalizados.²

Estas diferenças e estas dificuldades no acesso e no legibilidade de publicações escritas noutras línguas que não o inglês representam o primeiro tipo de motivos explicativos da sub-representação dos debates franceses ou alemães (ou portugueses) sobre mobilidade social na presente base de dados bibliográfica. O segundo motivo explicativo, talvez mais relevante, prende-se com o facto desta menor presença de textos sobre mobilidade social escritos em língua não inglesa ser, neste sub-campo teórico, de certa forma, “representativa”. Assim sendo, o debate académico em torno deste e de outros temas faz-se, hegemonicamente, em língua inglesa. A este nível é, portanto, importante referir que apesar de a língua de busca privilegiada ter sido o inglês, tal não se traduziu na exclusividade da pertença institucional dos autores dos textos a países onde esta é a língua oficial. A língua usada nos documentos recolhidos é predominantemente anglo-saxónica, mas o debate científico sobre mobilidade social neles abarcado não é (apenas) dominado pelas correntes teóricas desse contexto. A variável criada “nacionalidade institucional” define-se, neste artigo, pelo país a que pertence a instituição de Ensino ou Investigação a que o autor da publicação recolhida está filiado (e se auto-identifica na publicação). Por detrás desta opção está a ideia de que mais do que a nacionalidade individual, é a corrente teórica - circunscrita mais provavelmente por país ou grupo de países – que determina a abordagem a este e outros conceitos das ciências sociais. A nacionalidade

² De referir, porém, que muitas das obras mais importantes de autores com estas nacionalidades se encontram traduzidas e acabaram portanto por ser incluídas de qualquer forma.

institucional cumpre mais o papel de “variável independente” no “comportamento” da variável “produção científica sobre mobilidade social” do que a nacionalidade individual ou a língua em que o texto foi escrito. É, contudo, necessário ter em conta que não obstante estas estratégias que tentaram contrariar a sub-representação de textos escritos noutras línguas, se está neste artigo perante uma “amostra” provavelmente não representativa de todos os textos produzidos sobre este tema.

Os tipos de documentos. Por se tratar de uma análise da bibliografia das ciências sociais, os três tipos de documentos privilegiados foram os artigos científicos, os livros e os capítulos de livros. Foi também recolhido, de sites de centros de investigação previamente identificados, um número relevante de *working-papers*.

Janela de observação. O documento mais antigo recolhido é da década de 20.³ A pesquisa foi realizada de forma sistemática até 2012.

As bases de dados/ motores de busca utilizados. A maior parte da recolha dos documentos foi realizada entre Março e Maio de 2012 na Universidade de Brown, Rhode Island, Estados Unidos e Biblioteca Rockefeller, e complementada entre Outubro e Novembro de 2012 na Biblioteca da London School of Economics and Political Science, Londres, Reino Unido. Foram várias as estratégias utilizadas, relativamente aos artigos: busca diretamente em motores de busca generalista ou académico, busca no interior de catálogos de bibliotecas; busca diretamente da base de dados como a JSTOR ou a Scielo; busca em cada revista especializada ou generalista de ciências sociais; busca de artigos específicos identificados nos *Curriculum Vitae* dos principais protagonistas da investigação sobre mobilidade social; revisão de todos os títulos dos artigos de determinadas revistas consideradas mais relevantes (como por exemplo a “Research in Social Stratification and Mobility” pela Elsevier, entre outras), ou cujos motores de busca não ofereciam resultados satisfatórios ou credíveis.

Os critérios de procura. Os critérios de procura foram sobretudo de palavras no título, no resumo ou nas palavras-chave ou consideradas “relevantes” pelos motores de busca. As expressões mais procuradas foram “social mobility”, “intergenerational mobility”, “occupational mobility”, “professional mobility”, “income mobility”, “wage mobility”, “meritocracy”, “educational mobility”, “class mobility”, “social reproduction” e “transmission”.

Após identificados e recolhidos (em registo digital ou em papel), os documentos foram sujeitos a uma segunda seleção através da qual foram selecionados para a presente análise

³ Tal não significa evidentemente que a primeira obra sobre mobilidade social tenha sido produzida nesta década.

apenas os documentos em que a mobilidade social era o principal processo a ser analisado. A amostra ficou finalmente composta por 1092 documentos. No entanto, em 38 destes documentos não foi possível identificar a data da publicação, pelo que a análise diacrónica aqui levada a cabo dirá respeito no máximo a 1054 documentos.

Depois de recolhidas e seleccionadas as publicações diretamente sobre mobilidade social, cada documento foi sujeito a um processo de codificação, representando uma unidade de análise independente. Criaram-se as seguintes variáveis: ano da publicação, nacionalidade institucional do investigador, conceito utilizado, disciplina, nível de análise, tipo de publicação, grande método, âmbito (nacional, comparativo, continente, OCDE, etc.). A análise aqui desenvolvida baseia-se sobretudo em estatísticas uni e bivariadas, nunca perdendo de vista a análise diacrónica. É dado algum destaque às análises lexicais dos títulos dos documentos (e apresentação em nuvens de palavras), que por sua vez servem para ilustrar e resumir a distribuição dos documentos pelas várias abordagens.

Período I: Emergência hegemónica de um conceito disperso (c. 1920-1959)

Neste período começam a surgir as publicações específicas e diretamente sobre mobilidade social. Contudo, sendo este um conceito no âmago da própria história da sociologia, a verdadeira emergência deste conceito remonta aos primeiros passos de institucionalização da própria sociologia. Não obstante, a primeira obra a ser dada frequentemente como exemplo da emergência e autonomia temática da *mobilidade social* é a de Sorokin, *Social and Cultural Mobility*, de 1929, pelo que os limites temporais aqui determinados não fogem consideravelmente dos determinados numa análise mais bibliográfica e de conteúdo do que bibliométrica.

Este período é caracterizado por uma comunidade social-científica muito pequena; por fronteiras, identidades e institucionalizações disciplinares das ciências sociais em negociação (cuja vulnerabilidade à agenda política e ideológica é grande); por processos de hiper-especialização no interior do campo ainda inexistentes; e por uma fraca dependência da carreira “intelectual” em lato senso ou académico-profissional num sentido mais restrito da “quantidade” de publicação. Estamos por isso, neste período, a referirmo-nos a um número relativamente reduzido de publicações diretamente sobre mobilidade social (N=52).

Esta comunidade intelectual e académica pequena era também hegemonicamente anglo-saxónica. Este é o único período onde a quase totalidade dos artigos recolhidos pertencem a países onde a língua oficial (ou uma das) é o Inglês (98%). Não só a percentagem conjunta dos

países anglo-saxónicos não volta a ser tão elevada em nenhuma das outras fases do curso de vida do conceito de mobilidade social como a percentagem de documentos de autoria de intelectuais com filiação em instituições de ensino e investigação americanas decresce de forma acentuada nas fases seguintes. Esta concentração institucional reflete-se, neste período, numa grande maioria das publicações a referir-se a um único país e à quase inexistência de estudos comparativos entre dois ou mais países.

A sociologia, enquanto disciplina, é a que detém maior representação no conjunto dos documentos sobre mobilidade social recolhidos, em todas as fases de desenvolvimento do conceito aqui identificados. No entanto, nesta primeira fase do desenvolvimento do conceito de mobilidade social, a demografia também assume um papel muito importante, com cerca de 13% do total de documentos. Constituindo as alterações nas estruturas etárias das mais importantes “causas últimas” na estratificação social, é de lamentar e de estranhar a subsequente demissão ou ausência da demografia do estudo da mobilidade social (Tabela 1).

Período 2: A idade de ouro (do conceito sociológico) da mobilidade social (c. 1960-1989)

Dada a diversificação disciplinar e geográfica do conceito, aliada a uma explosão de inovações estatísticas, metodológicas e de mensuração do fenómeno, à proliferação de debates e recensões entre autores e correntes teóricas, e ao amadurecimento da Research Committee da Stratification and Social Mobility da International Sociological Association ilustrado pelo seu 10º aniversário, o período entre a década de 60 e meados da década de 90 pode ser considerada a “idade de ouro” do conceito de mobilidade social. Não há um único ano deste período sem publicações sobre mobilidade social. Neste período foi registado, por isso, um número muito mais elevado de publicações (N= 389).

Não obstante a incontestável especialização *de* e dos exercícios de rivalidade *entre* escolas e correntes teóricas sobre esta temática durante este período, a nacionalidade institucional dos (primeiros) autores das publicações registadas sofreu uma diversificação muito acentuada desde o período anterior. Embora as percentagens de documentos de autoria de nacionalidades institucionais Inglesas (de 6 para 7%) e Canadianas (de 3 para 4%) tenham sofrido ligeiros aumentos, foi na percentagem referente à autoria Norte-Americana que se verificou uma maior alteração, por decréscimo (de 85% para 69%).

Nesta fase aparecem com relevância as publicações de autores de instituições francesas (6%) e de países escandinavos (4%), mas de outros países da Europa. Os estudos levados a cabo neste contexto francês de nacionalidade institucional (entre outras) centram as suas

preocupações com a mobilidade social, mais do que qualquer outra, nas questões da reprodução social e na transmissão de pobreza e da desigualdade. A comparação entre as descrições da RC28 e da RC38 da International Association of Sociology ilustra com rapidez as diferentes abordagens. Enquanto que uma está mais aberta a uma comunidade académica e tem como objectivo a compreensão da relação entre as vidas individuais, as estruturas sociais e o processos históricos, independentemente da disciplina (e da metodologia), com uma composição caracterizada por uma grande variedade de nacionalidades institucionais (na ordem do dobro da RC28), a outra dedica-se mais a um elite académica, e tem uma composição muito concentrada em poucos países como Reino Unido, Estados Unidos, Dinamarca e Alemanha e a reproduzir nos mesmos *boards* redes de investigação nacionais.

“The purposes of the RC38 are: to help develop a better understanding of the relations between individual lives, the social structures and historical processes within which they take shape and which they contribute to shape, and the individual accounts of biographical experience (such as life stories or autobiographies); to promote meetings in this field at national, regional and international level; to circulate information about advances in this field, whether in sociology or in other disciplines; and develop links among all scholars working in this domain.”

Fonte: Site oficial da Research Committee Biography and Society

RC28 general objectives are to promote high quality research on social stratification and social mobility, and the international exchange of scientific information in this field.

Font: Site oficial da Research Committee Social Stratification
(Anterior Social Stratification and Social Mobility)

A diversificação da nacionalidade institucional dos autores teve também consequências ao nível do âmbito geográfico a que as investigações dizem respeito. Os estudos comparativos de dois ou de mais de dois países sofrem por isso aumentos na ordem dos 8% face ao total de publicações desse período.

A mobilidade social tornou-se também um tema “caro” à sociologia - constituindo o tema de muitos artigos que vieram a constituir os primeiros números dos primeiros volumes de certas revistas -, e um tema “transnacional” devido não apenas às mencionadas parcerias individuais e institucionais, mas também a uma recusa de fechamento do tema às fronteiras nacionais – visível nas circulação de resultados de pesquisas francesas, americanas ou inglesas, em revistas das três nacionalidades.

Este foi um período em que a Sociologia reivindicou para si o tema da mobilidade social, esvaziando das outras disciplinas, nomeadamente da demografia que no período anterior desempenhava algum protagonismo, esse papel. Neste período, verifica-se que 95% das publicações recolhidas diretamente sobre mobilidade social são assumidamente sociológicas, o que representa um aumento na ordem dos 13% desta disciplina se tivermos em conta o período anterior. Este tema terá sido um dos que contribuiu de forma muito relevante para a institucionalização da disciplina sociológica.

Mas a reivindicação do fenómeno da mobilidade social pela sociologia implicou um centramento do estudo da mesma num determinado tipo de mobilidade social: a ocupacional. É sobretudo das mudanças de ocupação, profissão, sustento, “classe profissional”, isto é, de mobilidade intrageracional, que se fala quando se estuda a mobilidade social neste período (Tabela 1).

Figura 1: As 50 palavras mais frequentes nos títulos dos documentos sobre mobilidade social entre 1960-1989 (palavras “social” e “mobility” excluídas para evitar sobre-representação)



Fonte: Nuvem construída em Wordle.

Período 3: Fragmentação, resistência e reconfiguração do conceito (c. 1990-2012)

No período sensivelmente entre 1990 e 2012, as publicações diretamente sobre mobilidade social disponíveis e recolhidas pelo processo sistemático atrás referido aumentaram para quase o dobro do período anterior (N=613).

A hegemonia dos Estados Unidos enquanto país das instituições a que os autores dos documentos pertencem diminuiu drasticamente, quase para metade. Enquanto que no período anterior esta nacionalidade institucional correspondia a 70% do total de autorias, entre 1990 e 2012 essa representação passou para cerca de 38%. Tal sucede às custas do aumento relativo de publicações de investigadores com nacionalidades institucionais europeias com o Reino Unido com 23%, Alemanha com 3%, Países Escandinavos com 6%, Países da Europa do Sul com 8% e com a exceção da França que sofre um decréscimo de cerca de 1%.

Esta migração do conceito do *centro* para as *periferias* também é visível no que toca às disciplinas que assumidamente se ocupam dos processos, medições e obstáculos à mobilidade social. À exceção do caso da demografia, que vem a diminuir o seu interesse por estes temas desde meados do primeiro período aqui considerado, e da sociologia, que claramente reduziu o seu quase monopólio no interesse por este conceito, a mobilidade social tem também ocupado os interesses científicos de investigadores de outras ciências sociais. É o caso sobretudo da economia que passou a representar cerca de 23% do total de publicações diretamente sobre mobilidade social. Tal não teve, o que não é surpreendente, repercussões muito evidentes no tipo de metodologias usadas. A mobilidade social é, e parece que continuará a ser, um tema clássica e irreversivelmente dominado pelos métodos quantitativos, não obstante a riqueza e utilidade dos dados que poderia ser extraída de investigação com metodologia mista, “com os dois olhos abertos” (Thompson, 2004), sobretudo no contexto de dificuldades e retrocessos económicos atuais.

O tipo de publicações neste último período de desenvolvimento do conceito de mobilidade social também se diversificou, diminuindo a percentagem relativa dos artigos, que passam a representar apenas $\frac{2}{3}$ do total de publicações deste período, face a 80% do período passado. Tal não quer necessariamente dizer que a natureza da ciência feita sobre este tema tenha abrandado, pelo contrário, aumentaram os *working papers* e os *papers* de conferências (sobretudo entre 2000 e 2012). Este período é ainda muito heterogéneo relativamente à abordagem conceptual. Assim, na primeira parte deste período verificou-se que a relação quase monogâmica entre a análise de classes e a análise da mobilidade social se fortaleceu. O conceito, nesse sentido, “regressou” mas muito centrado em discussões mais teórico-epistemológicas, que passam muito pela adequação das classificações classistas ou das estruturas de classes social identificadas. São publicações em resposta indireta a teorias pós-modernas que por esta altura popularizavam a ideia de que os efeitos de pertença social teriam sido praticamente eliminados das trajetórias sociais.

Esta proximidade é também evidente na reconversão temática que uma das revistas mais assumidamente ativas na publicação de estudos e reflexões teóricas sobre mobilidade social, a “Research in Social Stratification and Mobility” da Elsevier, sofreu recentemente. Sendo a revista da Research Committee (RC28) da Associação Internacional de Sociologia, é por isso relevante que, na apresentação online da revista, a chamada de atenção seja precisamente para as “desigualdades sociais” e não para as questões de estratificação social ou de processos de mobilidade social (ver citação seguinte). As questões de estratificação e de mobilidade social têm sido então traduzidas, nestas últimas décadas, em preocupações com o crescimento das desigualdades sociais. É necessário por isso garantir que as afinidades teóricas entre estes dois blocos de temáticas são exploradas e analisadas e não, pelo contrário, tidas como garantidas. Em suma, é necessário garantir que as temáticas não perdem as suas respectivas identidades e autonomias e não passam por processos de substituição (como parece ter ocorrido no caso da revista supracitada).

“The study of social inequality is and has been one of the central preoccupations of social scientists. Research in Social Stratification and Mobility is dedicated to publishing the highest, most innovative research on issues of social inequality from a broad diversity of theoretical and methodological perspectives. The journal is also dedicated to cutting edge summaries of prior research and fruitful exchanges that will stimulate future research on issues of social inequality.”

Fonte: Site oficial da revista Research in Stratification and Social Mobility

A emergência desta relação entre mobilidade social e desigualdades sociais é parcialmente devida a alguns dos especialistas (quantitativos) da mobilidade social que têm atravessado parte do curso de vida do conceito aqui analisado, como pode ser exemplificado pelas publicações de Hout (2003, 2004), de Breen (2000, 2005), DiPrete e Eirich (2006) ou de Golthorpe (2012). A relação entre estes dois blocos de temáticas faz-se essencialmente por três vias. A primeira refere-se a publicações que mantêm a autonomia conceptual entre os dois conceitos e que abordam, por exemplo, a relação inversamente proporcional entre mobilidade social e desigualdades sociais (Hout, 2003, 2004; Tahlin, 2004). A segunda via faz-se por uma espécie de substituição do tema literalmente determinado (e teórica e politicamente conotado) por “reprodução social” pelos processos de reprodução das desigualdades sociais (Jenkins e Van kerm; Erikson 2002, DiPrete, 2006; Fergunsson, Horwood e Boden 2008; Hilmert, 2001). A terceira via é relativamente tradicional e resgata a importância de analisar o efeito da educação

ou da escolarização na correção desta reprodução das desigualdades (Saar, 2010; Breen e Jonsson, 2005).

Tabela 1: Variabilidade dos documentos recolhidos pelos três momentos do curso de vida do conceito

		Curso de vida do Conceito			TOTAL
		Emergência	Idade de Ouro	Fragmentação e resistência	
Nacionalidade	Norte-americano	84.8	68.9	37.8	51.2
	Reio Unido	6.1	7.0	22.6	16.1
	Francês	0.0	6.4	4.7	5.2
	Alemão	0.0	1.2	3.4	2.4
	Canadá	3.0	4.1	1.7	2.6
	Organismo Internacional	0.0	0.0	1.3	0.8
	Europa do Sul	0.0	1.2	7.5	4.8
	Escandinavos	0.0	3.8	5.8	4.8
	Austrália e Nova Zelândia	3.0	0.9	2.1	1.6
	América Latina	0.0	0.3	1.9	1.2
	Outros da Europa	0.0	4.1	7.3	5.8
	Outros Países	3.0	2.3	4.1	3.4
	TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0
Publicação	Artigo	76.9	79.2	65.7	71.3
	Capítulo de livro	0.0	2.3	2.4	2.3
	Livro	11.5	6.4	9.0	8.2
	Working-paper	0.0	0.5	10.3	6.2
	Relatório	0.0	0.5	1.8	1.2
	Paper de Conferência	0.0	0.0	3.1	1.8
	Reply to	1.9	0.8	0.5	0.7
	Review	9.6	10.0	6.4	7.9
	Artigo media	0.0	0.0	0.3	0.2
	Monografia	0.0	0.3	0.5	0.4
	TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0
Disciplina	Sociologia	82.2	95.3	64.6	77.7
	Economia	0.0	0.6	23.1	13.0
	Antropologia	0.0	0.0	1.0	0.6
	Geografia	0.0	0.0	1.0	0.6
	História	2.2	0.6	1.8	1.3
	Demografia	13.3	2.2	1.0	2.1
	Ciências sociais	2.2	1.4	6.2	4.1
	Estudos de Habitação	0.0	0.0	0.4	0.2
	Outros	0.0	0.0	0.8	0.4
	Políticas/Ciência Política	0.0	0.0	0.2	0.1
	TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0
Método	Não identificado	15.4	6.7	11.1	9.7
	Qualitativo	0.0	2.3	2.4	2.3
	Quantitativo	53.8	65.6	67.4	66.0
	Misto	3.8	0.8	0.7	0.9
	Documental	0.0	0.5	0.8	0.7
	Revisão de Literatura	13.5	13.6	10.1	11.6
	teórico/classificação/método	13.5	10.5	7.5	8.9
	TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0
Conceito	Social, intergeracional. geral	55.8	45.5	48.6	47.8
	Transmissão, reprodução, persistência	0.0	3.3	13.7	9.2
	Rendimentos	0.0	2.6	6.2	4.6
	Profissão, trabalho, ocupação	15.4	19.0	12.4	15.0
	Escola, escolarização	0.0	2.8	2.8	2.7
	Residencial, habitacional	0.0	0.5	0.3	0.4
	Vertical, ascendente, descendente	1.9	4.4	2.1	2.9
	Casa, família, irmãos	0.0	2.6	2.3	2.3
	Medição, rácios, índices,	7.7	6.7	2.0	4.0
	Atitude, ambição	5.8	3.3	3.9	3.8
	Estrutura oportunidades e desigualdades	13.5	8.2	5.5	6.9
	Outras	0.0	1.0	0.2	0.5
	TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0

Conclusões

O que se pretendeu neste artigo foi, a partir de um conceito intrinsecamente sociológico, compreender qual é o posicionamento das ciências sociais e da sociologia na abordagem, desígnios e métodos no estudo da mobilidade social, bem como as proximidades e reconfigurações entre as ciências sociais a este propósito. Para esse efeito recorreu-se à análise bibliométrica das publicações explícita e diretamente sobre mobilidade social nas ciências sociais, tendo-se procedido a uma recolha sistemática das mesmas entre aproximadamente a década de 20 e 2012 (N=1092 no total, N=1054 com data). Estas unidades de análise foram sujeitas a codificação autoral, conceptual e metodológica e, com recurso ao SPSSStatistics21®, a análises uni e bivariadas; bem como, com recurso ao programa Wordle®, a análises de frequência vocabular nos títulos das publicações. Uma prévia análise fragmentada por décadas permitiu identificar três grandes momentos no curso de vida do conceito da mobilidade social.

O primeiro momento, de *emergência concentrada de um conceito* que, nos termos exatos de “mobilidade social”, ainda se encontrava disperso e não era alvo de uma análise autónoma, caracteriza-se por uma pequena comunidade intelectual interessada diretamente neste tema e conseqüentemente por um número reduzido de publicações (N=52). Esta pequena comunidade é quase completamente anglo-saxónica, bem como os países alvo de análise. Esta hegemonia tende a desaparecer no decorrer do curso de vida deste conceito. Para além da sociologia, é a demografia que mais se ocupa das preocupações com a mobilidade social. As abordagens aos conceito são algo dispersas mas ficam abertos os precedentes clássicos do estudo da mobilidade social: as trajetórias ocupacionais, as questões da medição do fenómeno, as questões de identidade e delimitação das classes, relacionadas com a estratificação social num sentido mais lato e o estudo do papel/efeito da educação nos processos de mobilidade ascendente.

Num segundo momento, denominado aqui a *idade de ouro do conceito sociológico da mobilidade social*, entre sensivelmente 1960 e 1990, deu-se uma diversificação disciplinar e geográfica do conceito, um *boom* de publicações (N=389), de inovações estatísticas e de debates assíduos sobre o tema. O *boom* de publicações é acompanhado então por um decréscimo da hegemonia anglo-saxónica (e sobretudo americana), com o aumento relevante de publicações de investigadores com nacionalidades institucionais francesas ou escandinavas. Estas correntes têm preocupações mais acentuadas com as questões de reprodução social e transmissão da pobreza, motivo pelo qual se conjectura que usem mais metodologias

qualitativas do que a tradição anglo-saxónica. Mas tal não se traduziu num fechamento teórico. Este período é caracterizado tanto por fortes rivalidades como parcerias entre autores e instituições com diferentes práticas de investigação sobre mobilidade social. Neste período deu-se um grande aumento dos estudos comparativos com dois ou mais países. Este foi um período em que o conceito da mobilidade social, sobretudo profissional, foi dominado pela sociologia, que recolhe 95% das publicações sobre mobilidade social (mais 15% do que no período anterior), cristalizando saberes sobre as “mobility tables” ou sobre o “OED triangle” que se tornam património da sociologia talvez até mais do que do campo de estudos sobre mobilidade social.

Por fim, o terceiro momento identificado é denso e caracterizado, ele mesmo, por um ritmo de mudança muito acelerado. Neste último período, ao mesmo tempo que o conceito resiste à popularidade das teorias pós-modernas como a da individualização (que tendem mesmo que indiretamente a descurar da importância das origens e contextos sociais dos individuais na análise das suas trajetórias de vida), parece-se fragmentar-se (ainda mais) em “culturas de investigação” diferentes e “separadas”, afastando-se simultaneamente aquilo que Thompson argumentava ser necessário, “a sociology using both eyes to the full” que exerce um constante movimento de ziguezague entre a pesquisa intensiva e a pesquisa extensiva (Thompson, 2004: 237) e da tradição minoritária (mas paradoxalmente de crescente relevância social ainda que não de crescente relevância política) das pesquisas qualitativas. Pode conjecturar-se que tal se deve a dois resultados encontrados no presente estudo: por um lado, a crescente proximidade do estudo da mobilidade social à disciplina economia (e afastamento relativo da sociologia que ao contrário da economia tem um leque de métodos de análise mais alargado); e, por outro lado, à proximidade – por vezes sobreposição – entre o estudo da mobilidade social e o estudo das desigualdades sociais. Neste risco de sobreposição reside o perigo, no mínimo, de desperdício conceptual por forçada redundância entre os conceitos ou por escusa infundada de um deles e, no máximo, de reforço da hegemonia de abordagens quantitativas e quantitativistas que têm caracterizado de forma marcada o estudo da mobilidade social, de forma acentuada o estudo das desigualdades sociais e de forma quase absoluta as abordagens econométricas a qualquer uma das destas duas temáticas. A proximidade entre estes dois blocos conceptuais, e sobretudo entre o estudo da mobilidade social e a disciplina económica, deve ser gerida com cautela, de forma a se atingir uma complexificação dos fenómenos, uma genuína interdisciplinaridade e uma complementaridade explicativa entre os conceitos.

Verificou-se portanto, num primeiro sub-momento deste terceiro intervalo no curso de vida do conceito da mobilidade social, que as publicações sobre mobilidade social se centram sobretudo em respostas teóricas indiretas a algumas teorias da pós-modernidade que argumentam a favor de um acentuado decréscimo dos efeitos que as classes sociais de pertença e de origem têm nas trajetórias individuais. Este sub-momento caracteriza-se, assim, por um regresso da análise de classes, da mobilidade de classe e das classificações de classe. Num segundo momento, porém, enquanto provável consequência dos acontecimentos sociais associados à Grande Recessão, as publicações sobre mobilidade social sofrem um acentuado acréscimo das preocupações com a “reprodução”, “transmissão”, “persistência” das “desigualdades sociais”. Para o aumento das publicações sobre a riqueza e a pobreza, sobre os salários e os rendimentos, contribui também a dispersão disciplinar que a mobilidade enquanto conceito sofreu, sendo neste período também abordada por outras ciências sociais, sobretudo a economia. Assim, a importância do “dinheiro” na vida das pessoas, ao longo do tempo e entre gerações, não só continuou a ser “medida” por meio de indicadores quantitativos, mas passou a fazer uso de indicadores de inspiração ou prática econométrica. O carácter hegemónico do quantitativismo da mobilidade social esteve sempre presente, nos três momentos do curso de vida do conceito aqui identificados. Se não o foi ainda mais, ou se não chegou a ser monopolizador dos estudos sobre mobilidade social, foi porque apesar da sofisticação nunca se chegou a um absoluto consenso em torno dos indicadores, rácios e índices da mobilidade social, e porque apesar de minoritários, os estudos qualitativos sempre viram algum reconhecimento no campo. Pelo contrário, a temática das desigualdades sociais – bloco temático que se tem aproximado da mobilidade social – beneficia já de um conjunto de indicadores reconhecidos e usados pelos produtores de estatísticas. O amadurecimento destes indicadores deve um mais um incentivo para a complementaridade explicativa entre estes dois fenómenos – a mobilidade social e as desigualdades sociais – do que um pretexto para o reforço da hegemonia das pesquisas quantitativas em temáticas intrinsecamente sociológicas. Alguns exemplos desta complementaridade explicativa estão presentes nos exercícios realizados por Hout sobre “O paradoxo da desigualdade-mobilidade”, precisamente, “a falta de correlação entre mobilidade social e igualdade” (2003), reforçando, desta forma, como estes dois processos, não obstante as evidentes e crescentes afinidades teóricas, não devem ser trabalhados, analisados ou interpretados como *proxy* um do outro.

Referências

- Bertaux, Daniel and Thompson, Paul (eds.) (1997) *Pathways to Social Class: A Qualitative Approach to Social Mobility*, Oxford: Clarendon Press.
- Breen, Richard (2000), “Class Inequality and Social Mobility in Northern Ireland, 1973 to 1996,” *American Sociological Review*, Vol. 65 (3), pp. 392-406
- Breen, Richard e Jan O. Jonsson (2005), “Inequality of Opportunity in Comparative Perspective: Recent Research on Educational Attainment and Social Mobility”, *Annual Review of Sociology*, Vol. 31, pp. 223-243
- DiPrete, Thomas A. e Gregory M. Eirich (2006), Cumulative Advantage as a Mechanism for Inequality: A Review of Theoretical and Empirical Developments, *Annual Review of Sociology*, Vol. 32, pp. 271-297.
- Fergusson, David M., L. John Horwood e Joseph M. Boden (2008), “The transmission of social inequality: Examination of the linkages between family socioeconomic status in childhood and educational achievement in young adulthood”, *Research in Social Stratification and Mobility*, Vol. 26, pp. 277–295.
- Goldthorpe, John H. (2012), Back to Class and Status: Or Why a Sociological View of Social Inequality Should Be Reasserted, *Revista Espanhla de Investigações Sociológicas*; (137), p. 201- 216.
- Hillmert, Steffen (2011), “Occupational mobility and developments of inequality along the life course”, *European Societies*, Vol. 3 (3), pp. 401-423.
- Hout, Mike (2003), The inequality-mobility paradox. The lack of correlation between social mobility and equality, *New Economy* (2), pp. 206- 207.
- Hout, Mike (2004) “How Inequality may affect intergenerational mobility”, in Neckerman, Kathryn M. (ed.) *Social Inequality*, Russell Sage Foundation, New York.
- Jenkins, Stephen e Philippe Van Kerm (2003), “Trends in income inequality, pro-poor income growth and income mobility”, *ISER working papers 27*, Essex.
- Miller, Robert (1998), “The Limited Concerns of Social Mobility”, *Current Sociology*, 46: 145.
- Room, Graham (2011), “Social mobility and complexity Theory: towards a critique of the sociological mainstream”, *Policy Studies*, Vol. 32 (2), pp.109-126.
- Saar, Ellu (2009), Changes in Intergenerational Mobility and Educational Inequality in Estonia: Comparative Analysis of Cohorts Born between 1930 and 1974, *European Sociological Review*, Vol. 26 (3), pp. 367-383.
- Tåhlin, Michael (2004), “Do opposites attract? How Inequality affects mobility in the labor market”, *Research in Social Stratification and Mobility*, Vol. 20, pp. 255–282.
- Thompson, Paul (2004), “Researching family and social mobility with two eyes: some experiences of the interaction between qualitative and quantitative data”, *International Journal of Social Research Methodology*, vol. 7 (3), pp. 237-257.